

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 1.

No. 8.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fóra da Capital : Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jansen e Joao Vespucio de Abreu e Silva.

A RELIGIÃO.

(Continuação de N.º 2.)

III.



Philosophia é o fulguroso ambiente, que, rodeando as lucubrações do espirito, os mais intimos elementos da essência humana, e os phenomenos admiraveis da natureza physica, substitue a escuridão pela luz, e o erro pela verdade.

Força organisadora e harmonica, ao serviço da intelligencia, é quem reune os èlos esparsos da cadeia do raciocinio, prende os fios perdidos das investigações da Sciencia, methodiza debaixo da forma de leis invariaveis os factos colhidos pela observação e pelo estudo, codifica os principios eternos e immutaveis que vagão soltos e desordenados pelas vastas regiões do absoluto, e constitue o nucleo luminoso d'onde se destacão os raios que se derramão pela immensa circumferencia do imperio da intelligencia.

E' á claridão do facho da Philosophia que desce a consciencia ás profundidades de seu ser, para de lá trazer os principios da sabedoria eterna que são as perolas do pensamento, adornando o diadema da sciencia.

Esses principios existem na minha natureza, na vossa, na natureza de todos. N'elles encerra-se o destino completo do individuo e da humanidade. A intelligencia encontra: na justiça que é um elemento social e na virtude que é um preceito moral — as suas leis; na actividade — o seu theatro; na verdade — a sua estrella; na vontade e na liberdade — seus meios; e na perfeição — seu fim.

Estes elementos organisadores da natureza racional, não são a obra da fatalidade, não existem espalhados a esmo como as pedras soltas da columna que desabou. Ellas fornã as syllabas que revelão o pensamento das creaturas que sentem, que amão, que pensão, que estu-

dão, que trabalhão, que obrão, que se desenvolvem e se aperfeiçoão — seu operariõ foi a Providencia.

A feitura do homem por Deus e á sua imagem, não é uma simples ficção poetica do testamento sagrado — é uma das sublimes verdades da creação.

A verdade, o bem, a justiça, a igualdade e o amor são ideias e sentimentos imprescriptiveis, eternos e necessarios, que são de todos os tempos e de todos os lugares, que a humanidade encontrou em seu berço e existirão depois d'ella — são tocheiros accesos nos angulos do templo da eternidade, que ardem sempre, sem ar, sem combustiveis, no meio das procellas.

Estas ideias existem na nossa natureza, reflectem a nossa intelligencia e dirigem os nossos actos, mas sob condições differentes, sujeitas ás contingencias e alternativas da imperfectibilidade humana, ora desgarradas de seu curso pelo arrastamento desvairado das paixões, ora perdidas nas sombras do erro, ou nas noites do scepticismo. E existem assim porque a ideia sendo a formula, a expressão, o modo do pronunciamiento da intelligencia deve participar da sua natureza; ora sendo a intelligencia fallivel, relativa, contingente, segue-se que as ideias devem se revelar necessariamente sob o mesmo aspecto porque as ideias infinitas não podem caber na intelligencia finita, como não pode caber o espaço no corpo, nem a eternidade no tempo.

Mas por que essas ideias do bem, do justo, do santo, do verdadeiro e do bello se manifestão incompleta e imperfeitamente na vida phenomenal dos seres, não podem concluir que ellas não existem no mundo do absoluto, despidas das nuvens que sopráo sobre ellas os vicios humanos. Quando queremos conhecer o valor moral de uma acção, qual é o crysol em que a vamos depurar senão o absoluto? Nós dizemos que uma acção é boa quando se conforma com o bem, e má quando se oppõe a elle, mas que ideia de bem é esta, que nos serve de guia, de medida, de molde, de thermometro á classificação dos actos humanos senão o bem ideal, o bem divino, o bem absoluto? Se pois essas ideias são absolutas e eternas; se as ideias são attributos da intelli-

gencia e participação de sua natureza, segue-se que ellas só podem existir em uma intelligencia absoluta e eterna.

Eis como pela Philosophia nós chegamos a Deus.

A Philosophia e o Evangelho são dois regatos, que partindo da mesma montanha — que é Deus, rolão suas ondas incessantes sobre dois leitos diversos, para de novo se encontrarem no mesmo oceano — que é a verdade.

Os seus preceitos são divinos, suas consolações salutaes, suas origens as mesmas, seus resultados identicos. O Evangelho é a verdade proclamada pela revelação e aceita pela fé; a Philosophia ainda é a mesma verdade investigada pelo raciocinio e reconhecida pela consciencia. Dos dogmas gravados nos monumentos inabalaveis do Christianismo, um só não existe, que não esteja tambem escripto nas paginas sublimes da natureza humana.

A Philosophia do direito, partindo da unidade das facultades e dos direitos originarios de todos os seres intelligentes e livres, conclue a igualdade dos individuos como cidadãos e dos cidadãos como Estado; e o Evangelho, prescrevendo o amor como a lei suprema das creaturas, mandando amar ao proximo como a nós mesmos, inaugurou o symbolo do futuro, hasteando no coração dos povos a bandeira da fraternidade humana.

A razão e o direito ensinão que os principios destructiveis da justiça devem ser as pilastras sobre que se apoia a cúpula soberba do edificio social, que o premio é para o merito, a pena para o vicio, a recompensa para o trabalho, e a protecção para o desvalimento; e Jesus Christo exclama do alto de sua tribuna apostolica: „fazei aos outros o que quereis que elles vosfação!“

A Philosophia ergue o tempo do sepulchro, e conduzindo-nos pela mão atravez de seus mysterios e de suas sombras, nos mostra o berço de uma outra vida, onde as lagrimas d'esta se convertem em sorrizos e os espinhos em flores; no passo que o Christianismo nos mostra sobre as aras da fé as labaredas que consornem o corpo e as espiraes de fumo, que sobem ao ceo como uma nuvem de ambar guiando ás tendas da immortalidade a alma que se libertou das cinzas. Fox, o immortal representante das crengas liberaes no parlamento britânico, dizia na ultima hora, sobre o leito de febre de sua agonia: „eu estou convencido que somos immortaes: — a existencia da divindade prova a existencia do espirito; eu o acreditava antes que o Christianismo m'o tivesse ensinado.“

A Philosophia explica o Evangelho — suas doutrinas se confundem na consciencia, seus perfumes, como o incenso de dois thuribulos que se perdem pelas columnas do mesmo altar, se misturão e se derramão no vaso do coração.

Eis a logica da Religião.

Pela Philosophia nos remontamos a Deus.

(Continúa.)

Os Proscriptos.

(Novelleta traduzida para o GUAYBA.)

No anno 1773 existia na Allemanha uma nobre familia, que emigrara da Franca para se subtrahir ás perseguições do tribunal revolucionario. Compunha-se esta familia da um ancião que morreo pouco depois, de sua filha e de seo genro. Acabava essa moça de dar á luz um filho, e a impossibilidade de conduzir esse menino atravez de mil perigos, mil fadigas, sem saber o que seria feito della mesma, obrigou-a á confiar-o á uma pobre mulher, viuva de pouco tempo e que acabava tambem de ter sea bom successo.

A joven condessa sentio o coração despedaçar-se-lhe no momento em que lhe foi preciso deixar o filho querido, que ella receava nunca mais tornar a ver. Cubrio-o de beijos e de lagrimas, rogando a Deos do fundo do coração quizesse velar sobre esse caro thesouro.

Muitos annos se passarão durante os quaes a viuva nunca recebêra noticias delles. Não ousava escrever ao conde com medo de atrahir sobre si as desconfianças e rigores do tribunal revolucionario, que tinha emissarios por todos os angulos da Franca e fazia espiar todos os segredos das familias.

Esta pobre mulher, temendo que o filho do gentilhomem lhe fosse arrebatado se lhe descobrissem a origem, fez constar que esses dous pequenos erão irmãos e gemeos. No meio da precipitação de uma subita partida, não se tinha podido baptisar o filho do Conde, e appresentar á municipalidade com medo que chegassem a conhecer seos parentes ameaçados. A viuva tinha os pois feito baptisar secretamente, e conservava os papeis que declaravão o nome de cada um d'elles, a fim de que essas peças podessem servir algum dia para fazer reconhecer o filho do Conde.

Eis ali pois os dous meninos passando por irmãos aos olhos do povo e nesta idéa creados com cuidados iguaes. Nunca a pobre mulher ousara confiar seo segredo a mais de uma pessoa, e essa era o cura d'aldêa, que perdeu a cabeça no cadafalso em um dos dias da commoção politica. Ella era o unico apoio destas duas crengas a quem amava com uma ternura de mãe. Experimentou pois um verdadeiro abalo quanto se vio atacada de uma grave molestia que ameaçava seos dias. Espantada com o pensamento do estado em que deixaria sua joven e interessante familia, se chegasse a morrer, e da horrivel incerteza em que se mergulharião os parentes do menino que lhe haviam solememente confiado, ella se desesperava por não ter ao pé de si pessoa alguma sobre que podesse contar e estava portanto em um extremo embaraço. Como fazer, e a quem dirigir-se? a pobre viuva só via ao redor de si pessoas malevolentes e perigosas, ou falladores indiscretos que sob qualquer pretexto lhe fossem trahir o seo segredo. Em fim, sentindo agravar-se seo estado, rogou a Deos com ardor que lhe inspirasse o meio de sehir desta terrivel perplexidade, e eis aqui a idéa que lhe acudiu e que ella promptamente realisou.

Em primeiro lugar ella depositou diante de muitas testemunhas, uma somma assaz consideravel, que lhe tinha vindo do Conde, nas mãos de uma pessoa que se encarregou de pensar dos dous meninos depois de sua morte até que alguém viesse reclamá-los.

Mas a maior difficuldade subsistia sempre: Como fazer conhecer qual dos dous meninos era o filho do Conde?

Esta pobre mulher pensou que um dia os emigrados voltariam a seus lares e reassumiriam sem duvida os dominios de seus antepassados, e ella se baseou sobre esta previsão.

O castello do Conde tinha ficado inhabitado depois da partida da nobre familia e a viuva possuia todas as suas chaves. Ella resolveo pois ir ter ás occultas á antiga moradia, assim de ali executar seu projecto.

Era em uma noite de inverno; fazia um frio rigoroso. Ella agasalhou cuidadosamente os dous meninos em grossas vestimentas e logo que a escuridão tornou-se profunda, partio com elles.

O castello estava situado em um lugar isolado que dominava todo o campo; diversos caminhos estreitos e cobertos a elle conduzião sem perigo algum de ser visto nem ouvido. A viuva penetrou pois as portas do castello com os dous meninos, sorprendidos e espantados desta expedição nocturna, tão incomprehensivel a seus olhos. O silencio, a obscuridade que reinava no campo e no castello fazia tremer a ambos; elles se agarravão a sua mãe, que levava na mão uma pequena lampada, cuja luz fraca e vacillante esclarecia apenas o estreito espaço em que caminhavão os tres. Os meninos seguirão a pobre viuva pelos longos corredores gelados e sombrios, e chegarão enfim á camara que outr'ora occupára a castellã; acabrunhada pela fadiga e emoção, a viuva descansou por um momento e depois dirigindo-se aos dous meninos disse-lhes com toda a gravidade: „olhai bem para tudo que eu vou fazer e procurai de nunca mais o esquecer.“

Os rapazinhos, tocados de todo este apparatus mysterioso, olharão com attenção para todos os movimentos de sua mãe, que tomando as ferramentas que trouxera consigo bateo com toda força sobre as taboas do velho assoalho para nelle abrir um buraco e fez retinir o antigo castello com um violento ruido que correo de sala em sala até totalmente extinguir-se.

Depois de corajosos esforços conseguiu levantar uma taboa debaixo da qual collocou uma pequena caixa contendo os papeis que devião estabelecer a identidade do joven herdeiro do castello; depois fechou hermeticamente a abertura e traçou n'esse lugar com a ponta de um prego uma cruz, que fez apalpar pelos meninos; depois ella disse, na esperanza de que esta recordação se grayaria na sua memoria: „se jamais voltardes á estes lugares lembrai-vos destanoite mysteriosa e não esqueçais de procurar n'este lugar.“

Os dous pequenos tinham por esse tempo 4 annos e a singularidade dessa excursão devia, assim como o pensava sua mãe, impressionar-lhe o espirito para que elles disso se lembrassem a todo tempo.

A viuva voltou depois á aldêa e os dous meninos dormirão todo caminho. Os acontecimentos da noite lhes parecião um sonho, e pouco a pouco se forão apagando da imaginação. Pouco tempo depois a pobre viuva sentio seu estado agravar-se e na impossibilidade em que se achava de receber os recursos da Religião recommendeu sua alma á Deos e morreo.

Passado um anno, tendo cessado em parte as desordens e desgraças da anarchia, o Conde mandou á França um creado de confiança e probidade para lhe reconduzir o filho a tanto tempo chorado. Não encontrando mais a viuva, elle não sabia que indicio lhe faria reconhecer entre os dous meninos o filho de seu amo. Escreveo ao Conde pedindo-lhe explicações e recebeu ordem de conduzir á ambos.

Podereis comprehender a alegria e a incerteza dolorosa e pungente que animou o coração destes desgraçados pais abraçando esses dous meninos sem saber qual d'elles era seu filho, a quem devião apertar sobre o coração com a mais terna effusão! A pobre mãe ora abraçava um; mas de repente lembrava-se que este talvez nao fosse seu filho . . . então apertava a ambos em seus braços. Ora ella achava que um d'elles tinha o olhar de seu marido, ora que o outra tinha seu sorriso, e nada vinha pôr termines a sua perplexidade.

(Continúa.)

Album Poetico.

A CRIANÇA ADORMECIDA.

Como dormes socegada
E te ris acalentada
Pelos anjos do Senhor!
Oh! criança adormecida,
Que vivesses toda a vida
N'um tal sonho de candor!

No teu berço todo flores
Tens innocentes amores,
Puros amores do ceo;
Mas o mundo he tão maldoso,
Te acordará do formoso
Do formoso sonhar teu.

S'a morte t'adormecesse
E p'ra sempre fenecesse
Essa vida em tal sonhar,
Morrêras qual agucena
Que se desmaia sem pena
Desta vida abandonar.

Da mente no firmamento
 A estrella do pensamento
 Despede serena luz;
 E a candura de tua alma
 Pairando na face calma
 Em teus sorrisos transluz.

Nos labios acarminados
 Lindamente descerrados
 Vão duas rosas se abrir;
 E na fronte debruçados
 De teus cilios anellações
 Os fios de ouro vão cahir.

Os teus olhos de saphira
 Tem d'um anjo que suspira
 A angelica expressão;
 Ao emballar do teu berço
 Em vasto sonhar immerso
 Te sorri o coração.

Que sonhas, casta irmãsinha,
 Que pensas tu, criancinha,
 Em teu sereno dormir?
 De teus sonhos na bonança
 Vem azulada esperança
 Na tua boca sorrir!

O teo semblante inclinado
 E' qual lyrio debruçado
 Em rosas pela manhã;
 Encostado n'almofada
 E' como nuvem rosada
 Que se vai leve e louçã.

Vae tua face mimosa
 Como folha d'uma rosa
 A pestana sombrear,
 Como a onda q'escurece
 Veu que nella desfallece
 Pela tarde lá no mar.

Isaura, dormes insonte
 Socegada qual a fonte
 Que se deslisa no val;
 No teo viver innocente
 Folgas como na corrente
 Branda vaga de crystal.

N'esse lago de candura
 Em que vives na ventura
 Sem os prantos do soffrer,
 Nunca a nuvem de tristeza
 Ha de manchar a belleza,
 A calma do teu viver.

Dorme, dorme socegada,
 Dorme flôr acalentada
 Pelos anjos do Senhor;
 Oh! que sempre adormecida
 Tu vivesses nessa vida
 Nessa vida de candor!

A LUA.

(Ao meu amigo J. J. Palmeiro, no mesmo rythmo
 da sua poesia.)

(Vide Guayba No. 4.)

Como é tão meiga e formosa
 A' s'emballar donairoza!
 Nocturno sol argentino,
 Nem sequer ao peregrino,
 Derrama no coração
 Recordações d'outro tempo,
 Qual se fôra um pensamento
 Que o olvidára d'então!

Castá, pudica donzella,
 Modesta, pallida e bella
 Se não attende a quem chora,
 E' que no peito lhe mora
 Do porvir risonha esp'rança!
 Talvez, ó lua em um dia
 Tragas de novo a alegria
 Dos meus tempos de criança!

Talvez do triste proscripto
 Entornes no peito afflicto
 Vida sequer de um instante,
 Talvez então se distante
 Me vires da minha flôr,
 Lhe digas que ella adorada
 Por mim foi sempre guardada
 Para incensar meu amor!

Em quanto o mundo no espaço
 Percorrer em brando abraço,
 Quizera da minha vida
 Que tu á flor já languida
 Viesses fortificar;
 Que em brilhantes resplendores
 Viesses dos meus amores
 A desventura findar!

Tu, a lampada de Deos
 Fallas no Ceo triste adeos
 Adeos de curto momento,
 Que se em veloz passamento
 Não crusasses a memoria,
 Faria queimar-te a fronte
 O ponto em que no horizonte
 Faz do teu occaso a gloria.

Assim, vai; que o firmamento
 Em seu grande pensamento
 Te ordenará de voltares,
 Mas se então não encontrares
 A lyra do trovador,
 Busca-o na densa espessura,
 Que ao tronco da faia dura
 Vêl-a-has junta ao teu cantor!

Revista.



RA um bello dia de primavera

Ora esta! não pensei que ia escrever algum romance? Já me estava agarrando aos primeiros traços do modernismo, porque quasi todos elles começão no tempo da Era, e agora vejo que é preciso entrar por outra porta; mas o caso é que não heide entrar só: heide fazer como as barcas do Rio Grande, que se andão avisando uma á outra para virem, depois de se fazerem muito esperar:

Pela via aquea juntamente
Convocadas da parte do egoismo.

Entre pois comigo a quinta feira passada á quem saltei por cima como fazem certas gentes (inclusive as moças) com os artigos litterarios. Aos pedreiros da politica não servem senão jornaes de barro, que fação o mesmo serviço que certos empregos em crise eleitoral: — agarra-los e conserva-los em quanto se depende do votinho.

Todos nós somos de barro, e a prova é que:

Tendo o Eterno a phantasia
De povoar o universo,
De feitto muito diverso
Creou muita bixaria;
Poz os peixes n'agua-fria,
Nos ares mil aves bellas,
Na terra sapos,* gazellas,
Bixarocos em fartura,
Mas somente a creatura
Fez do barro das panellas.

Os meos freguezes devem estar de posse do meo retrato; pois recommendo-lhes de fazer bom uso d'elle; não vão fazer como algumas estimadas repartições que pegão de um retrato, tão parecido com o primeiro cidadão, como eu com qualquer de Vms., e pespegão-n'o sobre suja parede para escandalo do mundo inteiro. O mais que eu consinto d'elle fazer é cortal-o ao redor, prega-lo n'uma carta e mandal-o á alguma namorada.

Na noite d'esse dia, os freguezes do Hotel da Fama lá derão uma coia, para a qual eu tambem fui convidado, mas a que faltei, porque tendo-me dito o meu alfaiate que estava prompta a minha casaca, disse-me n'aquella hora que só faltava impor as mangas e as abas, casear, acolchoar, e pregar botões; isto já me parece mania que se vai propagando: dormirem as obras nas mãos dos administradores

DOMINGO: — Não houve retrêta em consequencia do máo tempo, o as rãs não lhe poderão fazer as vezes por causa de estarem preparando luto pela proscricção de sua

*) Principalmente em Porto Alegre e Pelotas.

numerosa prosapia; entretanto mandarão-me uma cançoneta (que não publico por certas razões) e onde se vê desenvolvido este pensamento de Shakspeare:

Ha! banishment be merciful, say — death:
For exile has more terror in his look,
Much more than death.

TERÇA-FEIRA: — Os Portuguezes não puderão festejar á medida de seus desejos o anniversario natalicio de seu rei o Snr. D. Pedro V.; mas ainda assim tão grande dia não passou esquecido. N'essa mesma noite quizerão fazer subir um balão, mas como não lhe derão uma escada, elle desertou no meio da viagem; pouco depois do som do hymno e mais peças tocadas á porta de palacio, quantidade de foguetes subirão aos ares como agradecimento ao Creador pela conservação do seu Soberano; em occasiões d'essas já uma vez derão provas de que sabem honrar a sua patria, e para quem se esqueceu do pomposo mausoleo erigido a Maria II., ahí está o dia 16 festejado quanto foi possível. A lua, que sempre é mulher para deixar de ter presumpções, quiz tambem favorecer o divertimento, mas de tel forma se demorou no toilette á calçar as luvas, que quando chegou, mereceu bem uma careta; parece que S. Mc. tinha seus escrupulos territoriaes; pois não ha de que, minha Sra., lembre-se que ao avô d'aquelle monarcha já Vme.

Ondas de prata derramou na frente!

E

Bravo! Aqui estou eu atollado na poesia até o pescoco, que sempre é melhor do que o sorvedouro do Beco do Oitavo, ou algumas testadas da Rua do Rosario. Apreciem os freguezes a seguinte decima que um filho das Piérides, me remetteu, cubigoso do premio prometido:

Embora eu quebre a martello,
Esta maldita cabeça;
Embora tudo enlouqueça,
„O mundo está n'um chinello!“
Pode o rancor ser disvello,
Pode a lua em sol mudar,
Pode o globo transformar
Seu continuo movimento;
Como o — FREGUEZ — n'um momento,
„Virou de pernas ao ar!“

* * *

Pode ser de bom modello
A casaca do — FREGUEZ,
Mas se for como o que fez,
„O mundo está n'um chinello!“
Pode ser que seja bello,
Vel-o assim a passear,
Até posso confessar
Que na sua opinião
Se elle proprio disser — não
„Virou de pernas ao ar!“

* * *

Já chamão ao verde — amarello,
Ao vidro chamão — brilhante,
A quem rabisca — Estudante,
„O mundo está n'um chinello!“

Fazem de um thema — libello,
 Mandão ao bruto estudar,
 E até fazem proclamar,
 Que a redacção do — FREGUEZ,
 N'uma revista que fez,
 „Virou de pernas ao ar!“

O Capenga.

Mas eu creio que o premio levo-o eu, pois aqui dou
 o troco ao tal Sr. Capenga, para que veja a força do
 meu estro; que sempre é estro de barriga cheia :

Se o FREGUEZ, olha tarello,
 Pegar na penna e escrever,
 Ha de provar e has de ver :
 „O mundo está n'um chinello !“
 Quizestes na tua gloza
 Offerendar-me uma toza
 Mas has de ter que amargar,
 Sabendo que da sacada
 Tua bella enamorada
 „Virou de pernas ao ar!“

Para a outra vez esqueça-se da vida alheia, e não
 escreva sem ter comido primeiro : isso tudo era fome.

Bordaloue nunca escreveu um sermão sem ter pri-
 meiro tocado rabeen, e eu nunca escrevi uma Revista
 sem ter primeiro comido um beefsteak ;

Suum unicuique
 Dat natura munus ;
 Ego nunquam potui
 Scribere jejunus.

Faça Vmc. o mesmo.

QUARTA-FEIRA: — Chegou n'este dia o Commer-
 cio, que vinha representando uma comedia. No
 1.º acto (na prôa) trazia vista de praça, No. 2.º (na
 popa) uma sala d'Estudante, onde uns rião, outros
 declamavão, &, e no meio d'este espectáculo tão en-
 tretido vinha o contra-mestre, que muitas vezes
 fez o papel do contra-regra; em lugar de
 mandar igar a bujarrona, gritava „subão alli a vista
 de bosque!“ — A Continentista, porem, di-
 vorciou-se; já não acompanha o seu Freguez: d'ahi!
 quem sabe! talvez faça como algumas madonas;

Deixão sahir seu Gongallo
 Para virem apoz inspeccional-o.

Sempre são mulheres! Não foi de balde que o poeta
 hespanhol assim escreveu:

Si el mar fuera de tinta
 Y el cielo de papel
 Y los peces escribanos
 Escribiendo á dos manos
 No escribieran en cien años
 La maldad de una muger.

QUEM COMPRA UM VOTO!

Entre as policias d'esta semana, deparei com uma
 historia que nos conta lá um Freguez de Pelotas, cen-
 surando muito que certos raloneiros tivessem cons-

siderado o votinho como mercadoria, que se possa ven-
 der, ou hypothecar, recebendo até por conta parcelas de
 quando em quando!

— Ora venha cá Sr. intromettido; o voto não é
 livro? não pertence ás attribuições do cidadão; então
 como não pode vendel-o? Esse nariz é seu?

— E' sim Snr.

— Pode vendel-o, se quizer?

— Posso, sim Snr.

— Então porque não se pode vender tambem o voto?
 De mais para que contrariar a industria d'esses chiffon-
 niers politicos? Não suspirão elles sempre pela
 cara a popularidade? Pois bem, deixai-lhes compral-a
 cara para que pouco a pouco a vão ambicionando menos.

QUINTA-FEIRA: — Vai d'esta vez uma charadinha,
 para que se não zanguem comigo os freguezes do

Freguez.

Da voz satellite	} 1	De Gordio a gente	} 2
Percorro o espaço,		Cego formou	
Vibrando altivo,		O que um guerreiro	
Tinindo escago.		Só decifrou.	

Do céu fóra o melhor, justo decreto
 Se a morte o não fingisse tão de perto.

NB. A decifração do Logogripho do N.º ante-
 cedente é — PANORAMA. —

BIOGRAPHIAS

de Rio-Grandenses illustres pelas Sciencias, Letras,
 Armas e Virtudes.

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS
 sobre

O VISCONDE DO S. LEOPOLDO

pelo Conego

Dr. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Socio do Instituto historico e geographico do Brasil.



Por muito tempo hesitei em escrever al-
 guma cousa acerca do meu prezado tio
 receando que fosse censurado de pouco modesto
 o que a tal respeito disesse: animou-me porém
 o exemplo de muitas pessoas notaveis, que tem
 feito biographias dos seus mais proximos con-
 sanguinos, fortaleceu-me ainda o desejo de com-

municar ao publico as impressões, que deixou elle gravadas com caracteres indeleveis em meu espirito juvenil. Não sou eu, mas sim o Brasil inteiro pelo orgão dos seus mais legitimos representantes, pela voz do jornalismo, pela da tribuna, pela das academias, que o proclamam um varão benemerito, um illustre servidor do estado, um distincto litterato; e pois, cumpre que lhe ergamos uma estatua, que seu busto seja collocado no Pantheon litterario, ao lado dos do conego Januario e do marechal Cunha Mattos, seus dignos irmãos d'armas.

Para que um grande homem seja bem conhecido, e bem avaliado releva faze-lo ver sob varios aspectos: é necessario o trabalho de diversos artistas; uns traçam o desenho e concebem o pensamento da estatua, outros fundem o bronze, ou sinzelão o marmore, e outros finalmente occupão-se com os baixos-relevos do pedestal. O visconde de S. Leopoldo foi ao mesmo tempo um estadista sem macula, um eximio litterato, um excellente pai de familia, e um prestimoso parente. Ao seu digno successor na cadeira presidencial do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao nobre visconde de Sapucahy, cabe escrever a vida do homem politico, e certamente fallo-ha com a exactidão de factos, elevação de pensamentos, o atticismo de linguagem, que tanto o distinguem entre os cultores das letras: e o illustre orador do mesmo Instituto, meu distincto amigo e mestre o Sr. Porto-Alegre, incumbiu-se na sessão solemne de 9 de Setembro de 1847 d'espargir sobre a campã do litterato as flores da sua arrebatadora eloquencia, e as lagrimas saudosas da mais sincera amizade. Ainda parece-me ouvir os inspirados threnos que o cantor de Colombo entôou n'esse solemne momento em honra de meu caro tio. A estatua está quasi terminada, e esperando sua conclusão final, serei eu, obscuro alvanel, quem me encarregue das obras mais grosseiras, dos mais simples baixos-relevos do pedestal. Procurarei pintar o visconde de S. Leopoldo na sua vida intima, invocando para isso as recordações da infancia, e as tradições de familia.

Não penso o leitor que vou prevalecer-me d'esta occasião para desmerever-lhe a nossa genealogia, enfeitar-me com braços heraldicos verdadeiros, ou falsos; não, tal não é meu intento, e unicamente dir-lhe-hei, que José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de S. Leopoldo, pertencia á classe média, a essa burguezia que pôde reivindicar para si os mais bellos triumphos do nosso seculo. Oriundo por ambos os lados da provincia do Minho, no reino de Portugal, forão seus pais o coronel de milicias, e honrado negociante, José Fernandes Martins, e sua mãe D. Theresa de Jesus Pinheiro. Viu a luz na antiga villa, hoje cidade de Santos, provincia de S. Paulo, aos 9 de Maio de 1774. Placidos e serenos se deslizarão os primeiros annos da sua vida, e tendo terminado o estudo dos rudimentos da lingua materna entregou-se ao do idioma de Virgilio, sob a direcção do habil professor, então chamado mestre regio, José

Luiz de Mello, que o contemplava no numero de seus primeiros discipulos. O joven José Feliciano não era um prodigio de talento, mas sim de applicação; e as horas, que seus companheiros davão ao recreio, consagrava-as elle aos livros, de sorte que no dia seguinte a victoria pendia para o seu lado; o estudo tinha vencido a facil concepção e a feliz memoria.

O vigario de Santos, doutor em canones, José Xavier de Toledo, seu padrinho de chrisma, querendo recompensar o ardor, que mostrava pelas letras, offereceu-se para ensinar-lhe a traduzir a lingua franceza, o que deu summa satisfação ao joven estudante por abrir-lhe mais uma porta do templo de Minerva. Poucos erão n'essa época os que podiam penetrar nos arcanos d'essa facil e brilhante litteratura, hoje tão vulgarizada: havia quasi que uma temeridade em facilitar aos moços a leitura d'obras, que parecião suspeitas aos olhos d'uma vigilante e por demais suspeitosa orthodoxia. Contava-me meu pai um facto que servirá para caracterisar esse tempo já de nós tão distante, mais pela mudança das idéas do que pelo numero de annos decorridos. Um irmão de minha avó, conego da cathedral de S. Paulo, e homem distincto pelos seus conhecimentos theologicos, sabendo que meu tio estudava o francez, assustou-se com semelhante innovação nos classicos estudos, e cheio do mais santo zêlo pela pureza da fé de seu sobrinho, reclamou a suspensão formal d'esse estudo, que ia pô-lo ao facto das obras dos hereges, as quaes só conhecia por tê-las visto no index expurgatorum, e confundindo innocentes e culpados, proscrevia a lingua franceza como a dos libertinos, dos impios, e dos atheus. Felizmente o bom senso de meu avó oppôz o seu veto, e meu tio continuou a traduzir o Telemaco do sabio e pio arcebispo de Cambraia.

Na tenra idade de dezoito annos desprendeuse dos braços maternos, privou-se das doçuras do lar domestico, e atravessando o Atlantico foi buscar n'Athenas Lusitana o complemento dos seus votos, a aquisição d'um pergaminho, que o habilitasse para melhor servir ao rei e á patria. Havendo finalizado os seus estudos preparatorios, matriculou-se no curso de canones, obtendo o grão de bacharel formado, em 1798, quando apenas contava vinte e quatro annos. Meu tio não se sentia com vocação para o estado ecclesiastico e estudava o direito canonico unicamente para satisfazer ao gosto de sua piedosa mãe, cujos irmãos erão todos padres, ou frades, e tendo recebido noticia, logo depois da sua formatura, de que ella era fallecida, alcançou de meu avó licença para dedicar-se á carreira da magistratura, para a qual se achava igualmente apto, graças ao methodo do estudo simultaneo d'ambos os direitos, seguido na Universidade de Coimbra. Mais tarde mostrou pezar, quasi que arre-

pendimento, de não ter entrado para o serviço da igreja como se deprehende do seguinte trecho de uma carta, que me dirigiu trez mezes antes da sua morte: „Passando a outro ponto essencial da citada sua carta, dizia-me elle: Como poderei deixar d'approvar, quanto em mim cabe, um estado e profissão no qual eu me iniciiei outr'ora, e não sei si em meio das procellas da minha vida publica por vezes tenho arrependimento de não ter proseguido e a elle me dedicado?“

Sabe Deos por quanto tempo estaria em Lisboa, confundido na grande turba dos bachareis requerentes, si não lhe valesse a protecção do nosso parente Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, que gozava da privança de D. Rodrigo da Silva Coutinho, então ministro dos negocios do ultra-mar. Empregado no Arco do Cégo, occupou-se em fazer varias versões do inglez, cujo conhecimento adquirira em Coimbra, apesar de ser lingua d'hereges. Tal exercicio, confessava elle, lhe fora muito util, obrigando-o a fazer um accurado estudo da lingua vernacula, a lêr e meditar sobre os grandes modelos da nossa litteratura, e adquirindo essa pureza de dicção, essa graça de linguagem, que todos reconhecem em seus escriptos. Residiu por quasi trez annos na capital da monarchia portugueza, até que foi despachado em 1801 para o lugar de juiz das alfandegas do Rio Grande e Santa Catharina, e incumbido de creal-as.

Tornou a ver em Dezembro de 1801 o seu paiz natal, depois de nove annos de ausencia, e passando alguns mezes no seio da sua familia, de quem estava tão saudoso, dirigiu-se á cidade de Porto-Alegre, onde chegou em meiado do anno seguinte. Imensos foram os embarços com que teve de lutar e só em 1804 é que ponde tornar effectiva a creação d'alfandega de Porto-Alegre e do consulado do Rio Grande. Na creação da junta da fazenda teve elle o lugar de procurador da corôa, servindo ao mesmo tempo de juiz conservador dos contractos do quinto e dizimo e inspector do papel sellado.

Achou na administração do Rio Grande do Sul o ultimo dos seus governadores, chefe d'esquadra Paulo José da Silva Gama, depois barão de Bagé, para quem trouxe cartas de recommendação do ministro do ultra-mar. O governador e o moço juiz ligarão-se com a mais intima amizade: e não poucas vezes recebia este em seu gabinete nas horas silenciosas da noite a vista do velho militar que ia-o consultar sobre o modo por que melhor se haveria na gerencia dos publicos negocios. Longe de ensoberbecer-se com tal honra, com semelhante confiança, elle occultava-a cuidadosamente, e só muito tarde na intimidade de familia é que nos fazia essas revelações.

Ao barão de Bagé succedeu D. Diogo de Souza, com o titulo de capitão-general, e como nutrisse antiga rivalidade com o ultimo governador, quiz dispensar-se do auxilio que a este tinham prestado as luzes e a moderação do juiz d'alfandega. Por muito tempo ambas as autoridades se conservarão em respeitosa distancia, e fortificados em seus respectivos arraiaes. Era um estado dubio, ou na eloquente phrase do Sr. Guizot, uma paz armada. Quem foi o primeiro a romper o armisticio? — o capitão-general. — E eis como, me referia meu tio, tinha-se passado essa scena.

Em uma das mais frias noites do inverno de 1806 trabalhava em seu gabinete, quando um pagem lhe veio annunciar que um homem envolto em um ponche desejava fallar-lhe. Apenas transpondo o limiar da sala, que D. Diogo (pois era elle o desconhecido) se lança em seus braços, pede-lhe mil desculpas pela mascara reservada com que então o tratára, e regalle que seja para com o capitão-general o mesmo intelligente conselheiro que fôra para com o antigo governador. O orgulhoso fidalgo se achava em bem serios embarços; pois que o leitor se recordará que em Junho d'esse mesmo anno uma divisaõ ingleza ao mando de Sir Popham e do general Beresford, havia invadido o Rio da Prata, e que difficilimo era guardar a neutralidade entre os dous belligerantes. Chegára o tempo de inclinar-se a espada ante a perna: e dizer com Cicero: Cedant armæ togæ.

Como auditor geral das tropas acompanhou ao exercito pacificador e assistiu à campanha de 1811 a 1812, no que muito lucrou, pelo conhecimento pratico das localidades, onde se passarão as scenas de que se constituiu o narrador nos seus interessantes Annaes da Provincia de S. Pedro. Esta obra, assàs conhecida, custou-lhe immensos labores, teve de colleccionar documentos, que andavão esparços, interrogar o testemunho de pessoas fidedignas, e joear com a mais severa critica as tradições populares, que um historiador nunca deve desprezar, nem tão pouco fazer-se echo d'ellas, á imitação de Tito Livio. O auctor dos Annaes da Provincia de S. Pedro tinha tomado a Tacito por seo modello, e procurou quanto permittião a natureza diversa dos objectos e a indole das duas linguas, seguir as pisadas do grande historiador romano. Só os que se tem occupado com o estudo das cousas patrias é que poderão avaliar o importante serviço ás letras pelo visconde de S. Leopoldo, salvando do olvido factos gloriosos da nossa historia, á custa de incalculaveis sacrificios, consagrando a esta ardua empreza as horas de repouso, que lhe deixavão as suas variadas occupações.

(Continúa.)

Album Poetico.

ELLA.

Ella vive suspirando
 Como o vento ciciando
 Sobre as dalias da manhã.
 Ella é linda como aurora
 É como a luz que descóra
 Nos doces beijos deFlora,
 E' celeste e folgasã.

E' branca como alvo lyrio
 Levado por um delirio
 Nas azas do temporal;
 Quando ella pensa é donosa,
 Quando chora é linda rosa,
 Quando surri-se é mimosa,
 Como um doce madrigal.

E' suave e descorada
 Como a luz meio-^{apagada}
 A noite escura no matto;
 E' tão triste e tão serena
 Como a flor de cangerena
 Balançando em cantilena
 Sobre as pratas d'um regato.

Eu levantei-me das fraguas,
 Apaguei as minhas maguas
 No carmim dos labios seos!
 Na trança escura—prendi-me,
 No gesto ledo—surri-me,
 No beijo puro—perdi-me
 Nos olhos pretos—vi Deos!

Vi Deos ó sim — quiz a vida
 Eu folhinha —adormecida
 N'um cantinho solitario!
 Ella fôz labio aromado,
 Onde o céo é desenhado,
 Que colou-se afogueado
 Nos chorões do meo fadario!

Leandro de Castilho.

Se eu pudesse morrer!...

Meu Deos que dor acerba, que agonia
 Do descrido no mundo é o soffrer!
 Soluça, chora, ri e diz descrente:
 Se eu pudesse morrer. ...

Se eu pudesse morrer! oh que ventura!
 Que ventura eu gozára, e que prazer!
 Das delicias da vida eu zombaria
 Se eu pudesse morrer!

E a mulher que no mundo tanto amei
 Não soubéra o tão triste meu descrer,
 E seu crime ao morrer lhe perdoára,
 Se eu pudesse morrer!

Prazer, dores passadas olvidara.
 P'ra nos gozos pensar desse viver
 Unico, verdadeiro, eterno, e sancto!
 Se eu pudesse morrer!

Leonel.

A' AUTORA

das scismas dos 15 annos.

Porque te queixas, Donzella
 Se tua vida é tão bella,
 Se inda tudo te sorri!
 Porque dizes n'essa lyra
 Que tristemente suspira
 Da dôr a face já vi!

Não posso crêr n'essas queixas
 Não são doridas endeixas,
 Não soffre teu coração:
 So' tens desejos infindos,
 Vaes após os sonhos lindos
 De tua imaginação.

O contraste entre ella e o mundo,
 E não um pezar profundo
 E' quem te faz padecer:
 Sonha menos; pensa mais
 Que essas chiméras jámais
 Devem o pranto mover.

Se meu peito perscutasses
 Talvez o pensar mudasses,
 E visses quanto és feliz;
 Eu, Donzella, é que padeço,
 Que da vida sô conheço
 A face negra infeliz.

Mas já gozei no passado
 Caricias, risos do fado,
 Vi um Elysio se abrir,
 E no meu leito de rosas
 Me cercarem pressurosas
 Meigas fadas do porvir.

Mas esse Elysio fechou-se,
 O meu bello céo toldou-se
 A' voz do anjo do mal.
 Vi fugir minha ventura,
 Alvejar a sepultura
 Esperando a hora fatal.

Infeliz! o que esperas no mundo
 Onde vives sem tino á vagar?
 Onde os tristes accentos exhalas
 Vai a paz dos felizes turbar?

Revista.

Respeitabilissimos Freguezes.

E'com o sorriso nos labios, e o chapeo sete pollegadas abaixo do joelho que vos faço o meu comprimento domingueiro. Agora não pensem que eu vou por ahi cumprimentando á meio mundo como certo financeiro, que não só em tempo de eleições se torna chichisbeo como os outros, mas comprimento as freguezas que me querem bem e os freguezes que não acabão em istas; já lhe disse que embirrei com certas terminações, ou que certas terminações embirarão comigo, e por tanto não lhes tiro o meu chapeu, até que façamos a paz, que deve ser breve, porque eu sou como as moças: fallo mal dos rapazes só em quanto elles não passão pela janella.

A' ellas pois o meu comprimento respeitoso e humilde como o de um candidato ás eleições que se installão, pouco mais ou menos n'estes termos:



Não se encommodem não se encommodem.

Fação comigo o mesmo que fazem quando um irmão das opas lhes pede esmola para as almas — ouvidos do mercador; — quem disse a esses freguezes que as almas precisam de esmolas? Se fosse verdade semelhante principio, eu desde já passava á tirar uma subscrição pela minha, porque já lhes disse que gosto de passar bem n'esta vida, que a respeito do outro mundo não sei a cara que terá o porteiro da Eternidade; e de mais, porque me hei de eu fazer excentrico! a maior parte dos nossos rapazes não cuida mais do corpo, que da alma? Já não lhes cantei um verso sobre a igreja, té aonde invadio a immoralidade desses Epicuristas? pois o que mais admira não é que os olhos de Deos, penetrando em toda a parte, sejam alli tambem desrespeitados; ha cousa mais digna de commiseração, e é que aos ministros do altar e até para com o maior Prelado haja quem desconheça os seus deveres, e não se tema, ou cõre de estabelecer a insubordinação, plantando a desordem, que é o primeiro passo para a queda da verdadeira moralidade.

Ha no amor-proprio do homem uma soberania plausivel que nunca pode degenerar, e destruir-se e é não ceder um instante o posto de honra que a sociedade lhe confiou; e é de iguaes para iguaes que esse respeito mutuo deve começar

Apague! que estou ficando com geitos de Redactor que faz de um carrapato crocodillo, e com isto entretem um artigo de fundo. Nada! venha a semana para a scena, que tenho cocegas de lhe dar uma pateada mais furibunda do que o merecerão certas cantorias que ahi tem havido no theatro. Oh! é justamente n'este ponto, ou n'esta virgula que começa a sobredita.

SEXTA FEIRA: — Houve o 1.º expectaculo da companhia publica, a respeito do qual e do seu subsequente vou resumir aqui os meus juizos:

Eu que sou rapaz e tenho ainda o desfalque nas costellas, quero dizer, sou solteiro, achei a tal farga dos primeiros galanteios sobejamente immoral, e a pega mesmo (A Escrava Andréa) nada perderia com a suppressão da ultima scena do 1.º acto. O scenario está desprevenido de ornamentos, e as cadeiras do palacio da rainha forão emprestadas para a prisão de D. Cesar. A vista de salla semi-circular está parecida com o panno de boca — é um verdadeiro capacho, e o capitão Rénaud andava de botas de montar, talvez porque viesse a cavallo nas vergas do seu brigue, e não tivesse outras para mudar; isso, porem, eu lhe desculpo, mas o que lhe não pode desculpar foi a frieza imperturbavel com que apedrejou o seu papel; julgo-o um actor de muita habilidade, e é isso mesmo o que lhe agrava a causa; quanto ao Snr. Antonio esteve bom em quanto marinheiro, mas logó que se fez pirata não attingiu á altura do seu papel: notavasse-lhe um não sei que desanimo que lhe vinha dos bastidores, dir-se-hia que elle era á um tempo o actor e o contra-regra.

O que elle porem perdera em quanto francez, ou ao serviço do Leopardo, ganhou debaixo das bandeiras da Espanha como o heroe das orgias, o D. Cesar, em fim, se alguns desmanchos não viessem destruir toda a illusão do expectador, e fazer-lhe desmerecer o merecimento artistico.

SABBADO: — Já se sabe: é dia de cobranças, e quem não se coça ao pagamento das dividas, faz como eu, conta anedotas ao cobrador. Eu julgo-me em contacto com os freguezes mas apesar d'isso vá uma anedocta por tabella. Um soldado estava de sentinella quando vio passar o commandante da sua companhia; chegou-se a elle e pediu-lhe algum calçado. O commandante pintou-lhe na guarita um par de sapatos á giz, e retirou-se: d'ahi á pouco encontra o soldado n'outra rua, e perguntando-lhe o que fazia, e á quem deixára substituindo-o, o soldado respondeu: „eu ando procurando quem me compra aquelle par de sapatos que me estão apertados, e lá deixei um camarada tão bom como elles, pois é até feito com a mesma massa.“

Aconselho o mesmo expediente ao thesoureiro da Alfandega; quando sahir, risque um substituto na parede.

Houve á noite Bal-masqué no Hotel da Fama, que foi muito concorrido do sexo-gentil, mas de poucos e decentes mascaradas. A casa não é bastante commoda para divertimentos d'essa ordem, pois ouvi a alguns queixarem-se da falta de um quarto, onde estivessem á vontade sem ver rompido o segredo de sua mascara; apesar d'isso dou os meus emboras aos proprietarios do Estabelecimento.

N'essa mesma occasião havia tambem baile no Hotel Drugg, onde pouco me demorei porque a maior parte dos concorrentes erão allemães, e eu pago-lhes na mesma moeda — gosto mais da freguezia dos meus patricios!

DOMINGO: — Não é certo que muita gente tem afillados sem conhecer o compadre? pois, sim, senhores; eu tambem tenho um afillado que é Artifice do Trem de

Guerra, e que todo o dinheiro, que apanha na semana guarda-o para fundil-o no „PONTO MAIOR„ que é, foi e será sempre a minha mofina, até que se cumprão as Disposições Policiaes á respeito de jogos illicitos, abusivos e immoraes. Disse-me o meu afillhado que grande numero d'elles lá vai, e que ninguem parece temer-se das advertencias da minha Revista: pois bem; eu hei de remetter uma ao Sr. Ministro da Justiça e perguntar-lhe se a liberdade lá pelo norte é como cá pelo sul.

A' noite houve retrota, finda a qual me dirigi ao theatro, vendo-me na precisão de me virar toupeira, porque aquellas pedras que se achão espalhadas na praça, como os destroços da antiga Babilonia, divertem-se em beliscar nos calos de quem passa, e a mim quasi obrigarão a fazer como Bruto — beijar a mãe patria! Os ajuntamentos illicitos são prohibidos no Codigo, principalmente de noite, agora pelas Leis municipaes não sei se é permitido, e agora me lembro que uma seria coincidencia me fez n'esse dia representar tres caracteres; toupeira na praça da matriz, sapo na rua da Olaria e lagosta no theatro onde tal era o aperto que me vi obrigado a entrar de banda. Quem sabe não estejam esquecidos do art. 134 da lei de 31 de Janeiro de 1842? Será bom tê-la sempre em vista, assim como não fazer perder á historia da Hespanha e a seu rei principalmente a força moral de que gosa entre as nações. Aquelle Carlos 2.º estava brincando comnosco: se o tutelado de D. Cesar não gritasse lá de dentro (a chamado do mesmo Cesar) que aquelle era o rei, era facil confundil-o com o ultimo de seus vasallos: para a outra noite, que lhe tocar o reinado, ande sempre com a corda na mão, ou uma bandeirilla com este distico: — eu cá sou o rei! — que ainda assim pode-se tomar por ironia.

A força esteve graciosa e civilisadora, especialmente na parte poetica, que transcrevo ipsis verbis para conhecimento das freguezas que não forão, ou que não tem uma memoria como eu:

A peneira nos olhos tem sido
Sempre olhada com rizo, e desdem,
Mas dos homens o mais instruido,
Tem peneira nos olhos tambem.

Vêde o velho por falta de tino
Que aos oitenta a casar-se inda vem,
Se depois diz que é pai do menino,
E' peneira nos olhos que tem.

E a beata que d'homens se espanta,
Que aos devotos somente quer bem,
Quando julga que passa por santa,
Tem peneira nos olhos tambem.

A velhota a quem dizem ser bella,
Pela fama de ter seu vintem,
Quando pensa que morrem por ella,
É peneira nos olhos que tem.

Pai Adão quando o pomo vedado,
No paraizo comeo muito bem,
Se não vio na mulher o diabo,
Foi peneira que teve tambem.

E a mamão que a menina só deixa
Ao priminho que é mogo de bem,
Se depois se arrepende, e se queixa,
Foi peneira que teve tambem!

Acabados elles estava eu compondo comigo mesmo mais alguns e eis aqui o resultado, que offereço á companhia quando quizerem repetil-a ainda que lhe mudem o titulo como fizerão á Pobre das Ruinas &c.:

Se está pensando o empresario
Que o publico se entretem
Fingido gostar das recitas
Tem peneira nos olhos tambem.

Se o candidato se fia
Só nas promessas de alguém
E ao depois se vê logrado
Tem peneira nos olhos tambem.

Se o namoro passa a juras
De um eterno querer bem
Não acreditem, meninas,
E' peneira nos olhos tambem.

Quem diz mui cheio d'impaffia
„Não dependo de ninguém,“
Ah! ah! freguezes, não creião
E' peneira nos olhos que tem.

SEGUNDA-FEIRA: — Ouvi dizer que os presos ião ser reformados em vestuario; aconselho tambem que os fação reformar de cabelleira, porque não estamos no tempo de Molière, e se algum d'elles tiver o segredo de Sansão será bom não andar escoltado por menos de dois guardas, conforme manda o artigo 170 das Instrucções Policiaes.

Aqui vai uma charadinha para as Freguezas, que estimarei não saia errada como a outra, porque — Sono — não tem 3 syllabas: decifrem-n'a, senão decifro a eu; ou faço como alguns que dizem Pa-no... ha de ser — Panorama... advinhãrão!

Assim diz severo mestre } 1
Ao alumno distrahido. }

Vou fingir algumas vezes } 2
Edificio concluido. }

Vivo em luta porfiada } 2
Co'a noite, minha inimiga }
Eternos que nós sejamos }
Nao podemos fazer liga. }

CONCEITO.

Não sou nome harmonioso
Mas tambem não sôo mal,
Cantado por um poeta
Posso ser inda immortal.

Palacio da Freguezia 25 de Setembro de 1856.

O Freguez.

CONTINUAÇÃO

dos

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

sobre

O VISCONDE DE S. LEOPOLDO.



esembargador honorario desde o anno de 1811, gozando das honras de coronel, como auditor geral foi membro da primeira junta de justiça, que se creou na provincia de S. Pedro. Os acontecimentos de 1821 o encontrarão no meio dos seus predilectos estudos, e no desempenho das suas tão complicadas funcções, mas

a reputação de que geralmente gozava o designou para o lugar de deputado ás côrtes geraes e constituintes da nação portugueza pela provincia da sua residencia e pela do seu nascimento, d'onde se achava ausente ha dezoze annos. Tomando assento no congresso, como representante por S. Paulo, defendeu com grande intelligencia os interesses do Brazil, e quando ahi se tratou de trocar com a Hespanha a praça de Mondevidéo na America pela d'Olivença na Europa, impugnou a idéa com tanto conhecimento de causa, que o distincto brazileiro Hypolito José da Costa, que em Londres escrevia o *Correio Brasiliense*, dando conta da discussão, serviu-se d'estas formaes palavras: „o deputado Fernandes Pinheiro manejou este negocio com mão de mestre.“ Recusando seguir o exemplo dado por alguns dos seus collegas deputados do Brazil, conservou-se em Lisboa até a proclamação definitiva da nossa independencia, e só deixou de comparecer ás sessões das côrtes quando julgou findo o seu mandato. Similhante procedimento, não sendo devidamente apreciado pelas paixões de uma época de ebullicão, teve de soffrer o sequestro de seus bens, o que não pouco aruinou a sua pequena fortuna, adquirida á custa da mais stricta economia.

Novamente eleito deputado á assembléa constituinte por ambas as provincias, que o havião mandado ás côrtes de Lisboa, optou ainda pela de S. Paulo, e como seu representante achou-se n'essa memoravel assembléa, cujos actos tem sido tão diversamente interpretados. Ahi, como no congresso portuguez, seguiu e justo meio: e suas idéas se distinguirão por uma grande moderação, por isso não teve de soffrer as amarguras do exilio.

Encarregado da administração da provincia de S. Pedro na qualidade de seu primeiro presidente, occupou-se seriamente de desenvolver todos os elementos de prosperidade, que encerra esse abençoado paiz, cujas necessidades, talvez melhor do que ninguém, conhecia. Fundou a colonia de S. Leopoldo, cujos prazos por si mesmo dividiu e cabe-lhe certamente a gloria de have-la assentado sobre bases tão solidas, que ainda hoje é considerada como a primeira de quantas o Brazil possue. Foi o primeiro provedor da Casa de Caridade de Porto-Alegre, e organizou a primeira typographia, que houve na provincia.

Deixemos ao Sr. Porto-Alegre narrar a acção grandiosa por elle praticada como provedor da Casa de Caridade.

„ Sendo presidente do Rio-Grande, no dia 1.º de Janeiro de 1825, aquelle respeitavel cidadão abriu o novo hospital da Caridade, e trasladou os enfermos d'uma casa velha para o novo e amplo estabelecimento: toda a cidade de Porto-Alegre o viu, cheio de unção, com a sua farda doirada, carregando ás costas um doente deitado em uma rede; e dando este exemplo de humildade evangelica, que foi por todos seguido.

O Sr. D. Pedro I, querendo empregar em mais larga escala os seus talentos administrativos, nomeou-o n'esse mesmo anno de 1825 para o elevado cargo de ministro e secretario de estado dos negocios do imperio. Nada

direi sobre o modo por que se houve quando ministro, e unicamente citarei como padrões de sua gloria os decretos, por elle referendados, creando as academias juridicas e a das bellas-artes. A penna mais habil toca o desenvolver as lufas, que teve de sustentar, o indifferantismo, que teve de vencer, para chegar a tão uteis resultados. O magnanimo fundador do imperio mostrou-se satisfeito pelos seus serviços agraciando-o com o titulo de visconde com grandeza, fazendo-o conselheiro de estado, e escolhendo-o senador na lista triplice da provincia de S. Paulo, em que vinha o seu nome em primeiro lugar.

Os successos politicos, que originarão a abdicção do primeiro Imperador, desgostarão profundamente ao visconde de S. Leopoldo, que se tornara notavel pela sua sincera adhesão ao principio monarchico, e o obrigarão a retirar-se da scena politica.

Havendo escolhido para sua esposa a uma das senhoras mais virtuosas de Porto-Alegre, e que tornou-o pai de numerosa pro genie, achou nas doçuras de familia ampla compensação das seus pezares como homem politico. Todo entregue á educação de seus filhos, do que era summamente zeloso, dedicava as suas horas vagas ao estudo e á cultura d'uma chacara, que possuia nos arredores da cidade, e em cujo portão mandara gravar este distico:

N'estes Elisios, quaes pintou Virgilio,
Em ocio honroso a vida deslisamos.

Gozava das doçuras do lar domestico, inteiramente retirado dos negocios; quando a revolução de vinte do Setembro de 1835, cimentada por antigos odios e profundas rivalidades, o veio tirar do seu ocio honroso e lembrar-lhe o dever de todo o bom cidadão, que como pensava o sabio Lycurgo, não deve ficar indifferente no meio das dissensões civis. Era mui conhecido por seus sentimentos monarchicos, para não ter de soffrer da parte dos homens, que arvorarão a esfarrapada bandeira da republica de Piratinim. Elle traçava-me, annos depois, com verdadeira eloquencia o quadro d'esses dias lutosos, em que viu a sua bella chacara talada pelos rebeldes, que ali assentarão o seu quartel general durante todo o tempo, que durou o cerco de Porto-Alegre; seus escravos fugidos para irem assentar praça no exercito liberal, e acordando-se de noite sobresaltado ao pavoroso ruido das bombas e granadas, que rebentavão sobre a cidade. Contava tambem a parte que tivera no bom exito da reacção, que o partido da legalidade operou na capital, que havia por deploravel descuido cahido em poder dos sediciosos: a combinação dos seus planos com os do marechal Chagas, a cuja prudencia e dedicacão folgava de render sincera homenagem e dissimulação, que lhe era mister guardar para não tornar-se cada vez mais suspeito ao partido revolucionario, — que todavia soube respeitar a sua pessoa e toda a sua familia.

A não do estado, dirigida por habeis pilotos, atravessára os mares procellosos da minoridade e aproximava-se ao termo da sua viagem, quando o visconde de S. Leopoldo entendeu que devêra vir tomar parte nos trabalhos da camara de que era membro. Tinha seu lugar fixo em duas importantissimas commissões da casa — a de diplomacia e da resposta á falla do throno, que como se sabe, é o orgão do pensamento da maioria, e suas opiniões moderadas, a deferencia com que tratava a todos, grangeavão-lhe sympathias de gregos e de troyanos.

O esclarecido Sr. conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro, que então exercia o cargo de ministro dos negocios estrangeiros, endereçou-lhe um officio, datado de 25 de Outubro de 1837, em que participava-lhe achar-se nomeado presidente da commissão encarregada de averiguar os limites naturaes do Brasil. Desejando corresponder á confiança, que n'elle depositava o governo imperial, escreveu uma luminosa memoria, que sendo em alguns pontos contestada pelo conselheiro Costa e Sá, collocou-o na necessidade de replicar da maneira a mais satisfactoria. Talvez que seja agradável aos leitores o ver a maneira por que, na intimidade das nossas relações, elle avaliava este seu trabalho, o que farei citando o trecho d'uma carta, que me dirigiu em 15 de Setembro de 1846.

„Por justa reciprocidade incluo n'esta dous folhetos, um dos quaes a — Resposta ás Breves Anotações, etc. — modernamente publicada; talvez não tivesse occasião de ver: foi obra de capricho, e para a polemica não me sinto azado; na esgrima esfrio sempre, pela presumpção da minha inferioridade; não tanto por mim, como por circunstancias, que ocorrerão, era do meu pundonor sahir á arena. O meu antagonista, o conselheiro Costa e Sá é, ou era, um dos mais distinctos membros da Academia Real das Sciencias de Lisboa, não sei si por ciúme do acolhimento que se fez à minha — Memoria sobre os limites do Brasil, — ou por qualquer outro motivo, analysou com paixão, e perdendo eu injurias dirigidas a mim, saltei a craveira da moderação na pag. 235 da minha Resposta, porque tocarão geralmente á patria: como si desconfiasse que alguém, por attenção, a sumisse, fiz chegar particularmente às mãos de S. M. I., que com o seu especial discernimento a mandou levar ao Instituto: forçosô então me foi apanhar a luva, e aceitar o desafio, e ir-lhe na pista, quando menos para mostrar-lhe que si errei, e não respondi á confiança do Instituto, foi involuntariamente; gladiêi desprovido d'armas, porque estava longe dos meus livros e manuscritos, que tenho em Porto-Alegre.“

Emprehendendo no anno de 1838 uma viagem a Santos, sua patria, para negocios de familia, aproveitou a sua curta residencia nessa cidade para colher os documentos precisos afim de escrever dous estudos biographicos ácerca dos irmãos Alexandre de Gusmão e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, conhecido pela denominação de — Voador —, seus illustres conterraneos, cuja memoria desejava vingar do injusto esquecimento, em que jazia. Não nos cabe ó avaliar do merecimento d'esse trabalho; e só dizemos que depois da sua leitura ficarão muitos bra-

zileiros sabendo que era ao patricio nossô que se devia a descoberta dos balões aerostaticos.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que de accordo com o conego Januario e o marechal Cunha Mattos, tivera a satisfação de crear, e que grato a isso o fizera seu primeiro presidente perpetuo, era no fim da vida o objecto de todas as suas predilecções, e ao qual consagrava uma importante obra, a cuja conclusão veio oppôr-se a morte. Era para admirar a assiduidade com que meu tio n'uma idade tão avançada frequentava as sessões d'esta util associação, a parte activa, direi quasi entusiastica, que tomava em suas deliberações, e como se sentia feliz todas as vezes que via que por suas luzes e experiencia podia concorrer para o adiantamento d'esse seu filho querido.

Poucos mezes antes de morrer, em Abril de 1847, escrevia elle estas palavras, que forão para mim o seu canto do cysne:

„Ainda na proxima sessão não poderei ir ao senado; arrasto com muito custo o peso de setenta e trez annos; sinto a passos largos fugir-me a vida, o desfallecimento das minhas faculdades physicas e moraes a todo o momento me adverte que não podê estar longe a hora do trespasso; eu o espero sem horror, resignado, como pôde estar um christão, e um philosopho; si melhores serviços não prestei á patria, prestei-lhe os que se deverião esperar d'uma educação acanhada, mas com honra e probidade, despedi-me do Instituto, e renunciei o titulo de seu presidente perpetuo, agradecendo a nomeada, que com isso me deu; não continuo porque eu mesmo desconfio da minha cabeça, não desejo comprometter os negocios publicos. Conta-se que Napoleão dizia que a roupa suja lava-se em casa. Não tenho o remorso de dissipar o patrimonio de meus filhos; uma rebellião, na qual eu mais padeci pelo meu aferro e devoção á monarchia, desolou, e incendiou a minha chacara. Duas vezes o Imperador parou diante d'ella indo para Viamão: nada tenho pedido, senão a indemnisação do meu officio d'alfandega do Rio Grande, o que não é uma graça, é uma justiça; porque é uma propriedade, que eu creei, e exerci por mais de vinte annos, com honra e sem nota, e ninguem m'o negará.“

Era este o seu testamento politico-litterario, a expressão genuina das suas crenças junto ás margens de sepulchro, onde devêra baixar no dia 6 de Julho de 1847, na idade de setenta e trez annos, um mez e vinte e cinco dias. Morreu rodeado de sua mulher e de seus filhos, n'essa pittoresca cidade de Porto-Alegre, que tanto prezava, deixando profundas saudades, e um vacuo immenso no coração dos seus parentes e amigos.